



## **“AS ROUPAS TÊM GÊNERO, GAROTINHO” E O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA TAMBÉM: ATRAVESSAMENTOS NA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS**

***Eixo Temático 50 - (Bio)docências e pedagogias de sexualidade, corpo e gênero: diálogos interdisciplinares***

Weuller de Oliveira Santos <sup>1</sup>  
Tiago Amaral Sales <sup>2</sup>  
Rita Paradedda Muhle <sup>3</sup>

### **RESUMO**

As histórias de vida permeiam a formação docente, contribuindo para uma educação engajada na percepção de corpo, gênero e sexualidade e são instâncias atravessadas na sala de aula, podendo permear contextos de emancipação, discriminação e respeito. Este trabalho, de cunho autobiográfico, analisa experiências e narrativas da escola ao ensino superior do primeiro autor em sua formação como (futuro) professor de ciências e biologia. A partir da narrativa “As roupas têm gênero, garotinho”, que relata uma cena de

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco - UPE campus Petrolina, [euweulersantos@gmail.com](mailto:euweulersantos@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor Adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU), [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com);

<sup>3</sup> Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Diversidade e Conservação da Fauna pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da PUCRS. Pós-doutora em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC - UFRPE). Professora Adjunta no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, [rita.muhle@upe.br](mailto:rita.muhle@upe.br).



aula onde uma intervenção violenta reforça estereótipos normativos de gênero, discutimos como o ensino de ciências e biologia pode perpetuar desigualdades. Assim, exploramos atravessamentos sobre corpo, gênero e sexualidade, destacando a importância de uma educação emancipatória que valorize a diversidade e o respeito no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Educação em Ciências; Narrativas Autobiográficas; Corpo; Gênero; Sexualidade.

## INTRODUÇÃO

A multiplicidade é uma realidade no chão da escola em decorrência das diversas formas de existência de corpos e modos de vida. A percepção da escola enquanto um espaço apenas para a aprendizagem de conteúdo programático é algo a ser expandido, tendo em vista que as possibilidades de existências são experimentadas e aprendidas no contexto escolar. Ou seja, nossas construções sobre corpo, raça, gênero e sexualidade se dão, também, na escola. Nesse contexto, pensamos que as possibilidades de existência dentro dos espaços formativos precisam ser emancipatórias, respeitados e vividos de modo que potencializem a formação. Entretanto, percebemos que muitas vezes receio em abordar as temáticas em corpo, raça, gênero e sexualidade no contexto escolar (Rohden, 2009).

Sendo assim, é possível pensar em alternativas para explorar essas construções ao longo do tempo e, nesse sentido, escolhemos adentrar as narrativas autobiográficas para explorar como foram forjadas a inteligibilidade das noções de corpo, gênero e sexualidade em territórios escolares. A narrativa autobiográfica se dá como narração (escrito ou transcrito) de histórias de vida, por meio de pequenas fabulações entre suas construções (Nóvoa, 1992; Abrahão, 2003; Josso, 2006; Delory-Momberger, 2006; Passeggi; Souza; Vicentini, 2011; Maknamara, 2016). Essas narrativas podem ser usadas como artifícios para compreender os fatores envolvidos nos processos de construção de identidade do sujeito. Neste caso, focamos no desenvolvimento do entendimento sobre corpo, gênero e sexualidade pelo primeiro autor.



Ademais, a produção da narrativa se dá com a escrita, que não se limita a uma descrição fiel da história (Lejeune, 1985), mas uma compreensão de como está envolvida o narrador-narrado (Marques; Satriano, 2017). A elaboração da presente narrativa “As roupas têm gênero, garotinho” exprime uma lembrança descrita em que há um alguém, um local e uma situação. No qual, esses artifícios nos ajudam a explorar as nuances durante a formação, mas também as indagações que reverberam entre a escrita e o que está sendo escrito.

Entendemos, então, a narrativa autobiográfica como um instrumento de escrita para elencar as construções sociais e também para o conhecimento sobre os atravessamentos dessas histórias nas identidades do sujeito, nas suas dimensões socioculturais, a relação narrador-narrado e pensar na sua formação docente (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011; Marques; Satriano, 2017). Consequentemente, o uso da abordagem autobiográfica torna-se um instrumento palpável para abertura de espaços de reflexão, partilha e (re)construção, pois é acessando essas narrativas que podemos experimentar não somente a vivência relatada, mas também a percepção dos personagens que nela estão envolvidos.

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica escolhida para o presente trabalho é a pesquisa autobiográfica a partir da escrita de narrativas (Nóvoa, 1992; Josso, 2006; Delory-Momberger, 2006; Passeggi; Souza; Vicentini, 2011). A narrativa é construída pelo primeiro autor, sendo revisada, discutida e socializada entre os três autores deste trabalho. A narrativa consiste com um título, ambientação, contextualização e destacada em itálico, seguido de uma discussão com a literatura utilizada para as noções evidenciadas na narrativa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante os processos de formação no ensino de ciências e biologia, as construções de gênero são estabelecidas em situações corriqueiras dentro da sala de aula, seja na



apresentação dos conteúdos programáticos ou até mesmo em momentos festivos nas mais variadas datas na escola. Abaixo, segue a narrativa que descreve a percepção de gênero na educação infantil.

### **As roupas têm gênero, garotinho**

*Eu sei que era época de 7 de setembro – dia em que se comemora a independência do Brasil –, pois sempre nessa data é feito um desfile cívico em minha cidade. De modo geral, as escolas organizam as turmas por nichos temáticos, desde povos originários até questões ambientais e/ou culturais regionais. Lembro que eu estava na creche enquanto as professoras e os professores arrumavam os meninos e as meninas. A minha turma estava caracterizada de indígenas, então percebi que as meninas usavam um material que cobria os peitos e eu achei o máximo. Realmente achei bonito e quis um para mim também. Ao pegar a faixa e colocar em meu peito, com o intuito de cobrir, fui repreendido por uma professora. Ela pegou a faixa do meu peito e falou que menino não pode usar aquele adereço, que aquilo é coisa de menina. Não lembro com exatidão a minha reação, mas sei que senti um pouco de vergonha com tal situação, de certo constrangimento e, a partir daquele momento, soube que as roupas tinham gênero e que eu não poderia usar qualquer peça sem ser questionado por alguém.*

\*\*\*

A narrativa acima perpassa os estereótipos de gênero envolvidos na minha formação durante a educação infantil. Eu me recordo de ser por volta dos meus cinco ou seis anos de idade e, como descrito, era (apenas?!) uma faixa de papel que achei bonita e quis colocar em meu corpo. Após vesti-la, a professora retirou e falou que aquilo era para meninas, que era “coisa de menina”.

Ademais, mesmo sendo novo e nem saber teórico-conceitualmente o que eram as dimensões de corpo, raça, gênero e sexualidade, tive envolvido em mim, ainda criança, os estereótipos e saberes cisheteronormativos sobre o gênero, me marcando que existiam



“coisas de menino” e “coisas de menina” – os quais se complexificavam ao relacionarem com os atravessamentos do meu corpo de um jovem negro e em vias de se entender gay.

Então, percebo que o entendimento sobre o corpo generificado parece ser necessário ao sujeito ao comunicarem sobre ele ou ela. Assim, as significações e produções destes contornos identitários, dão-se de uma construção social que pode ser influenciada e entendida pluralmente a depender de seus marcadores como raça, sexo, gênero, entre outros (Santos, 1999). Logo, estes estereótipos seriam determinações sociais para o que é aceitável ou não para um “Homem” ou “Mulher” em uma sociedade e/ou momento histórico (Louro, 1997).

Nesse sentido, Ariana Silva (2013) descreve as diferenciações que meninos e meninas experienciam desde o nascimento como as cores do enxoval, brinquedos e brincadeiras tidas como masculinas e femininas. Ao atribuir para as crianças esses mecanismos de estereótipos de gênero, acaba-se por reforçar as intencionalidades tradicionais de poder e submissão em um estilo de vida forjado na formação das crianças (Silva, 2013).

Assim, ainda criança, somos assujeitados – logo, ensinados – às normativas sociais no contexto educacional como brincadeiras, roupas, comportamentos e papéis para a continuidade da normatividade das expressões de gênero, ou seja, que (in)conscientemente entendêssemos que existam coisas de homem e coisas de mulher. Em virtude disso, a escola e o corpo docente podem interferir nas construções dessas identidades (Furlan; Maio, 2016a) e também na perpetuação dos estereótipos e preconceitos de gênero (Silva, 2007).

Para Furlan e Maio, “nesse sentido, gêneros são constituídos performativamente e, quando se produz a binaridade entre os gêneros, o que se pretende é que efeitos de verdade sejam postos em evidência, para que continuem a reproduzir normas e discursos biológicos e dualistas” (Furlan; Maio, 2016a, p. 168). Logo, a dimensão de gênero esteve e está inserida em meu contexto educacional desde a educação infantil, a exercer influências e estipular o que um menino-homem deve/pode ou não fazer. Assim, as minhas indagações desejaram uma educação em ciências e biologia disposta a romper as barreiras “biologizadas” de gênero, visto que grande parte dos artifícios usados para



determinar o que é de menino ou menina são, por vezes, respaldados em uma dimensão biológica do gênero.

Com base na narrativa autobiográfica apresentada, é possível compreender como as experiências escolares vividas desde a infância produzem marcas subjetivas profundas, sobretudo no que se refere à construção das identidades de gênero e sexualidade. A cena lembrada – a repreensão por parte de uma professora ao uso de um adereço considerado “feminino” – evidencia como a escola, mesmo nos anos iniciais da educação infantil, atua como um potente espaço de normatização e controle dos corpos e das expressões de gênero, reforçando as normas cisheteronormativas. Tal como argumenta Guacira Lopes Louro (1997), a escola é uma instituição profundamente envolvida na produção de verdades sobre o que é ser homem ou mulher, contribuindo para a construção de subjetividades que, muitas vezes, são cerceadas em sua pluralidade.

Nesse sentido, o ensino de ciências e biologia pode funcionar tanto como reprodutor de visões biologizantes e dicotômicas sobre sexo e gênero quanto como um campo potente para a subversão dessas normas, desde que se abra ao diálogo com perspectivas críticas e interdisciplinares. Judith Butler (1990) sustenta que o gênero é performativo, ou seja, não é uma essência estática, mas um conjunto de atos repetidos que consolidam a aparência de naturalidade. O reconhecimento da performatividade do gênero é crucial para desnaturalizar os discursos essencialistas que ainda permeiam os currículos escolares e os livros didáticos de biologia. Como destacam Furlan e Maio (2016b), é preciso tensionar a ideia de que os gêneros são dados a priori pela biologia, para que possamos construir práticas pedagógicas mais inclusivas e emancipatórias. A formação docente deve, portanto, proporcionar espaços de reflexão crítica sobre essas questões, incluindo os marcadores sociais da diferença como parte constitutiva da identidade profissional docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar as nossas histórias é, tantas vezes, desbravar alguns caminhos tempestuosos que podem consistir em lembrar situações não tão agradáveis, podendo também elaborar aqui de outros modos e, quiçá, atuar ativamente na nossa formação. As



histórias de vida se atravessam e contam aquilo que muitas vezes nem lembramos de vivenciar. Explorar essas dinâmicas dentro da sala de aula pode se mostrar um pequeno laboratório para analisarmos o que nos foi ensinado e como nos foi ensinado.

Pensar o gênero a partir de uma situação corriqueira pode parecer algo desimportante, porém, foi naquele momento que conclui, inconsciente, o gênero das roupas, objetos, lugares, brincadeiras, cores e ações. Perceber, logo nos primeiros anos de infância, as divisões poderiam se apresentar nos outros momentos de vida escolar.

Além disso, entender como essas construções se deram auxilia na tomada de decisões, talvez, mais assertivas de educar em torno de possibilidades de existências de gênero, bem como perpassar sob a ótica da pluralidade nas novas formas em que o gênero construído se comporta na nossa atual sociedade. É instrumentalizar e estabelecer formas em se discutir sobre gênero na educação e ensino de ciências e biologia, ultrapassando os paradigmas, ao entender o gênero não somente sobre a ótica do sexo biológico (Louro, 1997).

Em suma, os processos de escolarização não estão restritos ao campo dos conteúdos formais, perpassando as noções subjetivas dos indivíduos mediante as relações de troca entre os atores envolvidos nas dinâmicas que permeiam os encontros que acontecem em uma escola, os currículos, o ensino e a aprendizagem. Ademais, as construções das noções de gênero são imbricadas, também, nas relações dentro e fora da escola. Sendo assim, se faz necessário pensar em novas ensinagens, discussões, reflexões e trocas inter/transdisciplinares no que tange ao gênero – em seus diálogos com as dimensões de corpo, raça e sexualidade –, aos estereótipos e às performances que se esperam dos gêneros correspondentes. Levar a sério essas questões é uma pista para que consigamos pensar em uma educação em ciências e biologia múltipla.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, p. 79-95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Belo Horizonte: Autêntica, p.154, 2007.



BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 359-371, 2006.  
<https://revistas.usp.br/ep/article/view/28015>.

FURLAN, C.C.; MAIO, E.R. Pedagogias do corpo: é possível a escola ser um espaço de reconstrução? In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., MOUTINHO, L. (Orgs.). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, p. 157-177, 2016a. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mg3c9/09>.

FURLAN, S.; MAIO, M. C. G. A performatividade de gênero e a constituição de verdades. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66, p. 167-184, 2016b.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 373-383, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/298/29832212.pdf>.

LEJEUNE, P. Les instituteurs du XIXe siècle racontent leur vie. **Histoire de l'éducation**, n. 25, p. 82, 1985. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hedu\\_0221-6280\\_1985\\_num\\_25\\_1\\_1285](https://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1985_num_25_1_1285).

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAKNAMARA, M. Tornando-me um professor de biologia: memórias de vivências escolares. **Educação em Foco**, p. 495-522, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19730>.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso).

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A., (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p. 11-30, 1992.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002276450>.  
professores. Porto: Porto Editora, p. 11-30, 1992.



ROHDEN, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, p. 157-174, 2009.

SANTOS, L. H. S. S. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, L. H., (Org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Editora Vozes, p. 194-212, 1999.

SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista do NUFEN**, v. 5, n. 1, p. 25, 2013. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912013000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003).

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.154, 2007.